

EDUCAÇÃO E PATRIMÔNIO: UMA EXPERIÊNCIA COM A IGREJA NOSSA SENHORA DO SOCORRO EM TOMAR DO GERU/SE*

MARIA SOCORRO SOARES DOS SANTOS**

RESUMO: O presente trabalho relata e analisa a experiência da aplicabilidade da metodologia da Educação Patrimonial com a Igreja Nossa Senhora do Socorro em Tomar do Geru/SE (2006), enquanto elemento cultural, com alunos e professores da oitava série da Escola Agrícola “Dr. Albano Franco”. Para isso, utilizamos o potencial deste bem cultural para demonstrar aos pesquisados-participantes, que a valorização dos traços culturais locais é importante para a construção da identidade. Contudo, a não apropriação consciente dos bens é fruto da ausência de conhecimento crítico sobre sua realidade.

PALAVRAS-CHAVES: Educação Patrimonial, Patrimônio, Identidade cultural.

ABSTRACT: The present work tells and analyzes the experience of the applicability of the methodology of the Patrimonial Education with the Nossa Senhora do Socorro Church located in Tomar do Geru town in the state of Sergipe (2006), while cultural element, with students and teachers of Elementary School into 8th stage of the Agricultural School called “Escola Agrícola Dr. Albano Franco”. For this, we use the potential of the cultural assets to demonstrate to the searchers and participants, that the valuation of the local cultural traits is important for the construction of the identity of the community. However, the non appropriation conscious of the goods is not resulted of the absence

* O presente texto constitui uma síntese do Trabalho de Conclusão do Curso de História pela Universidade Federal de Sergipe (UFS).

** Licenciada em História/UFS. Especialista em História Cultural/UFS. Mestre em Memória Social e Patrimônio Cultural/UFPEL/Bolsista Capes. Membro do Grupo de Pesquisa Culturas, Identidades e Religiosidades/UFS/CNPq. Professora da Rede Municipal de Aracaju/SE e da Rede de Ensino do Estado de Sergipe. E-mail: helpclio@hotmail.com

of critical knowledge on their reality.

WORD-KEYS: Patrimonial Education, Patrimony, cultural Identity.

Patrimônio cultural são artefatos construídos socialmente, dotados de caráter polissêmicos e dignos de proteção. Para Prats (1998), patrimônio cultural, além de ser uma construção social, é também uma invenção, tais termos se complementam. Este autor associa os processos de invenção à capacidade de gerar discursos sobre a realidade, com vista em adquirir poder, associada com a ideia de construção social com os processos de legitimação, ou melhor, assimilação social destes discursos (p. 63-64). Neste sentido, o patrimônio não surge espontaneamente e o seu valor cultural não deve ser naturalizado, pois não é uma propriedade intrínseca do artefato. É sim uma invenção, construção e uma atribuição legitimada por vários tipos de discursos.

A questão patrimonial está constantemente presente no nosso dia a dia, seja na esfera midiática, política, econômica ou educacional. Essa se configurou em uma questão de relevância universal que agregada às grandes problemáticas atuais, vai penetrando no imaginário coletivo das sociedades como alusão essencial. Nesse contexto, a escola é atingida por essa problemática. Afinal, encontra-se inserida numa determinada comunidade e não está, nem deve ficar, imune às questões da época. Essas novas demandas da educação exigem uma resposta apropriada da escola. Para que, através de procedimentos didático-pedagógicos e a utilização da realidade como pontapé inicial, desenvolva na atual geração as capacidades de investigação e de leitura histórica do patrimônio. Assim como, o fortalecimento da identidade cultural e exercício da cidadania.

Mas, atualmente, quando pensamos em patrimônio remetemo-nos não só ao individual, mas, também, à coletividade. Desde Roma antiga, tudo que pudéssemos legar por testamento era considerado *patrimonium*. Patrimônio é uma palavra de origem latina referente a tudo que se herda, bens materiais e imateriais. No plano individual o próprio dono decide o que fazer do patrimônio. Mas, no coletivo a decisão é mais complexa, pois há múltiplos

pontos de vista, interesses e benefícios que os partícipes dessa coletividade esperam obter do legado, nem sempre tais posições convergem. Logo, a determinação do que é patrimônio depende da comunidade, ela é que vai dizer quais são suas marcas e o que pretende deixar para gerações posteriores. Para isso, é necessário que haja identificação entre alguns grupos sociais e culturais e que construam o sentimento de pertença com aquele objeto ou manifestação. Segundo Varine-Boham, patrimônio cultural pode ser dividido em três grandes categorias: a) aqueles pertencentes à natureza; b) aqueles pertencentes às técnicas (o saber-fazer) e c) aqueles pertencentes aos artefatos (*apud* LEMOS 2000, p.9-10). E é a própria comunidade através de suas afinidades quem determina o que é patrimônio ou não. Portanto, o que alguns podem classificar como patrimônio, outros não classificam.

A Educação Patrimonial surge como uma nova maneira de observar e manter viva a tradição de cada localidade. Desenvolvendo papel fundamental para que a comunidade conheça o seu potencial natural, histórico e cultural. A inserção nos currículos escolares da questão patrimonial permite atingir o público-alvo, os alunos, dotados de uma capacidade de percepção muito aguçada. Assim, novos valores culturais podem ser identificados e desenvolvidos por meio de diversas possibilidades pedagógicas.

Despertar a comunidade escolar para a utilização do patrimônio local como ponto de partida no processo ensino-aprendizagem implicará no fortalecimento da identidade cultural. Com este intuito foi desenvolvida uma experiência em Educação Patrimonial de maio a dezembro/2006, na Escola Agrícola “Dr. Albano Franco”, no município de Tomar do Geru/SE¹, com os alunos e professores da 8ª série do ensino fundamental. Trata-se de uma escola municipal, situada no povoado Cardoso nas cercanias da sede do município. Seu público alvo são os alunos da zona rural, fator significativo para a escolha do campo de pesquisa, já que, o alunado é constituído de diversas partes do

1 Tomar do Geru situa-se na região Sul do Estado de Sergipe, divisa com a Bahia, no nordeste brasileiro. Possui 12.855 mil habitantes, tendo como o gentílico de geruense. A cidade é conhecida popularmente por Geru. Fonte: IBGE/censo 2010. Disponível em <http://www.ibge.gov.br>, em 11 de setembro de 2014.

município, facilitando a ampliação da rede de informações.

Com a carência dos educadores e educandos de um conhecimento crítico sobre seu patrimônio cultural, e principalmente, a distância deles em relação à Igreja Nossa Senhora do Socorro, enquanto bem cultural local. Vemos a metodologia da Educação Patrimonial como um instrumento que possibilita, através da sensibilização e da preparação do olhar, ao indivíduo fazer a leitura de sua realidade, levando-o à compreensão do universo sócio-cultural e da trajetória histórico-temporal em que está inserido.

A questão norteadora desta ação foi o distanciamento entre os educandos e a Igreja Nossa Senhora do Socorro como elemento de identidade cultural digna de preservação, levando em consideração a ausência de conhecimento crítico e apropriação consciente dos bens culturais, essenciais no processo de preservação e reafirmação da identidade local. Tal pesquisa resultou em um trabalho monográfico para a conclusão do curso de licenciatura em História pela Universidade Federal de Sergipe.

Na Educação Patrimonial o objeto real é insubstituível, entretanto, no nosso caso, a fonte primordial de informações é a igreja, enquanto objeto cultural, seguido dos questionários aplicados ao campo de estudo para a coleta de dados, no início e no final, e a bagagem teórica adquirida através de consultas bibliográficas constantemente acrescidas e enriquecidas.

A simplicidade, a opulência, a movimentação e a dramaticidade caracterizam a Igreja Matriz Nossa Senhora do Socorro (Figura 1 e 2) como um exemplar da arte barroca religiosa brasileira na cidade de Tomar do Geru/SE. Logo, esta obra arquitetônica está vinculada com a eferescência religiosa e artística que acontecia nos países católicos da Europa a partir século XVI. E segundo Lúcio Costa, esta igreja é “obra mestiça e vigorosa que se enquadra no importante surto de arte ocorrido de fins do século XVIII a meados de setecentos, naquela região, e que constitui, a bem dizer, uma escola à parte” (COSTA, 1997, p.138).

Atualmente, a Igreja está em pleno uso, é o lugar onde acontecem as principais cerimônias religiosas católicas do

município de Tomar do Geru. O edifício e todo o seu acervo estão tombados desde 1943 pelo Instituto do Patrimônio histórico e Artístico Nacional (IPHAN), inscritos nos livros de Tombo Federal: Livro Histórico, com o número 196; e o Livro de Belas Artes, com a inscrição 262-A.



Figura 1: Fachada da Igreja N. Sra. do Socorro
Fonte: Acervo Maria Socorro Soares, 2006



Figura 2: Altar-mor e altares laterais
Fonte: Acervo Maria Socorro Soares, 2006

Para tanto, a comunidade local necessita de conhecimento crítico a seu respeito, para que a mesma não perca os laços efetivos com sua identidade cultural. Perante isso, justifica-se a experiência da aplicabilidade da metodologia da Educação Patrimonial com esse templo religioso em estilo barroco, representante do universo cultural sergipano.

1. Educação Patrimonial

A atual discussão nos espaços acadêmicos sobre a denominação mais adequada dessas ações educativas pode e deve ser considerada salutar, pois se ver aí a preocupação com a minimização do distanciamento da sociedade com o patrimônio cultural na área das Ciências Humanas e Sociais. Afinal, o que importa é a efetiva ação que promova a sensibilização e a socialização de conhecimento sobre o Patrimônio Cultural.

A Educação Patrimonial não tem como principal objetivo educar ou alfabetizar culturalmente, mas sensibilizar o indivíduo para as questões culturais do seu entorno. Também não implica na obrigatoriedade de transmissão de informações sobre o patrimônio cultural. O ideal é a troca de conhecimentos entre a comunidade e o agente mediador da ação pedagógica. Isso implica a colaboração de saberes. E no ambiente escolar tais atividades devem ultrapassar os limites de cada disciplina, o que torna esse tipo de atividade pedagógica transdisciplinar, interdisciplinar e multidisciplinar.

Para capacitar a comunidade para (re)descobrir e perceber os valores e particularidades de sua identidade cultural, partindo de suas experiências, é aconselhável empregar a metodologia da Educação Patrimonial. Essa proposta tem uma metodologia específica, inspirada em atividades educacionais do modelo inglês de preservação, para o desenvolvimento de ações educativas direcionadas ao uso e apropriação dos nossos bens culturais.

Em 1983, a Educação Patrimonial foi introduzida no Brasil em termos conceituais e práticos, pela museóloga Maria de Lourdes Parreira Horta no 1º seminário sobre o “Uso Educacional de Museus e Monumentos”, no Museu Imperial, em Petrópolis/

RJ. Daí, várias experiências e atividades vêm sendo realizadas, em diferentes contextos e regiões do país, porém, são projetos de pouca continuidade temporal. Tais experiências estão resultando no fortalecimento da auto-estima, no desenvolvimento local e no encontro de soluções inovadoras para a preservação do patrimônio cultural.

A Educação Patrimonial é um processo permanente e sistemático de trabalho educacional centrado no Patrimônio Cultural como fonte primária de conhecimento e enriquecimento individual e coletivo (HORTA, 1999, p. 9). Dessa forma, o objeto real torna-se ponto de partida no processo ensino-aprendizagem. Pois, os objetos e expressões culturais serão observados, indagados e explorados em todos os seus aspectos, que podem ser traduzidos em conceitos e conhecimentos.

Decerto, a metodologia da Educação Patrimonial possibilita aos educadores utilizarem objetos culturais nas aulas, na sala ou onde são encontrados, como peça chave no desenvolvimento dos conteúdos curriculares e não, apenas, como ilustração. Para isso, o educador deve planejar e selecionar o bem ou conjuntos de bens culturais que lhe auxiliem na tarefa de mediar e induzir o aluno nesta viagem repleta de descobertas, que implicará em transformações no seu cotidiano. Escolhido o objeto/fenômeno e o tema a ser abordado, a ação educativa transcorrerá ao longo das seguintes etapas metodológicas: observação, registro, exploração e apropriação (HORTA, 1999, p. 11).

Na observação o indivíduo pode desenvolver todos os seus sentidos, desde que o objeto permita, a percepção simbólica, como também, identificar do objeto sua função e seu significado. A partir daí, deve-se registrar (escrita, fotografia, oralidade, etc.) o que descobriram, aprofundando os seus conhecimentos sobre o objeto, além de exercitar a memória e desenvolver o pensamento lógico, intuitivo e operacional.

A exploração refere-se à análise do problema, formulação de hipóteses, discussão, pesquisa em outras fontes como arquivos, cartórios, desenvolvendo as capacidades de análise e julgamento crítico, e interpretar as evidências e significados do elemento cultural em questão. Quanto à apropriação, o indivíduo vai recriar,

reler, representar e se envolver afetivamente, interiorizando os conhecimentos obtidos, se apropriando e expressando o significado que ele apreendeu através de sua participação criativa. Tais atitudes implicarão na valorização e preservação do patrimônio cultural.

Esta disposição de etapas não significa necessariamente a ordem a ser seguida, pois ao desenrolar das atividades, algumas dessas etapas podem acontecer concomitantemente ou mesmo sobrepor-se a outras.

Convém ressaltar que cada evidência cultural apresenta uma variedade de aspectos e significados que ultrapassam os limites de cada disciplina, possibilitando-nos desenvolver atividades pedagógicas interdisciplinares. Vale ressaltar que os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) sugerem o estudo do patrimônio cultural brasileiro e deixam clara a necessidade da abordagem interdisciplinar desta temática na prática pedagógica.

A afirmação da identidade individual e coletiva deve estar alicerçada em procedimentos didático-pedagógicos que propiciem ao sujeito a construção do conhecimento e a obtenção de respostas para suas inquietações, tendo a figura do educador como um mediador desse processo. Desta maneira, a aplicação da metodologia da Educação Patrimonial favorece a construção o fortalecimento da identidade cultural e do sentimento de cidadania, além de reforçar a auto-estima. A provocação, em forma de questionamento, sobre a realidade cultural do indivíduo possibilita uma série de reflexão sobre a sua identidade cultural, levando-o a afirmação, ou não, desta.

A Educação Patrimonial vai além da simples preservação, visa também à apropriação e re-apropriação consciente desses bens pela comunidade. Portanto, faremos, em síntese, o relato e análise da experiência do uso educativo da Igreja Nossa Senhora do Socorro em Tomar do Geru/SE com professores e alunos da 8ª série da Escola Agrícola “Dr. Albano Franco”.

2. Relato da experiência

Neste estudo de caso, optamos por uma pesquisa-participante apresentada por Carlos R. Brandão (1982). Pois, assim, os sujeitos envolvidos no processo tenham a realidade como matéria-prima da ação educativa para participar da produção de conhecimento e tomar posse dele. Porém, buscamos uma forma democrática, para não usarmos a comunidade como mero objeto de investigação e/ou produzirmos um conhecimento acadêmico que fique apenas na inutilidade social.

A duração deste estudo corresponde a dois anos, incluindo a preparação do projeto, a pesquisa bibliográfica, o levantamento de dados, o planejamento e a aplicação da metodologia da Educação Patrimonial, e a apresentação dos resultados, obtidos em curto prazo.

A escola é o espaço propício para construirmos uma nova prática social. Por isso, apresentamos o projeto ao corpo docente, deixando claro, que o desenvolvimento deste dependeria da integração e participação de todos. Como também, a análise desse estudo seria para o trabalho de conclusão do meu curso de história. Assim que aceitei, acordamos com o professores que planejassem atividades didáticas usando o potencial cultural e histórico da Igreja como fonte primária na sua disciplina, ou mesmo se articular com outras disciplinas.

Então, coletamos os dados iniciais para traçarmos o perfil dos sujeitos envolvidos com a aplicação de questionários ao corpo docente e discente. Apresentamos um apanhado geral do projeto, ressaltando que a participação de todos seria imprescindível no transcorrer do trabalho. Nesse momento, procuramos verificar, através do questionário, o nível de conhecimento inicial sobre patrimônio cultural e a relação com os bens culturais do município, dados fundamentais para o direcionamento do estudo.

Diagnosticar o nível de conhecimento dos docentes e discentes quanto ao monumento, foi bastante significativo para o planejamento das atividades consecutivas. Constatou-se a necessidade dos participantes de um conhecimento crítico sobre sua realidade, pois, mais de 50% dos educadores assumiu

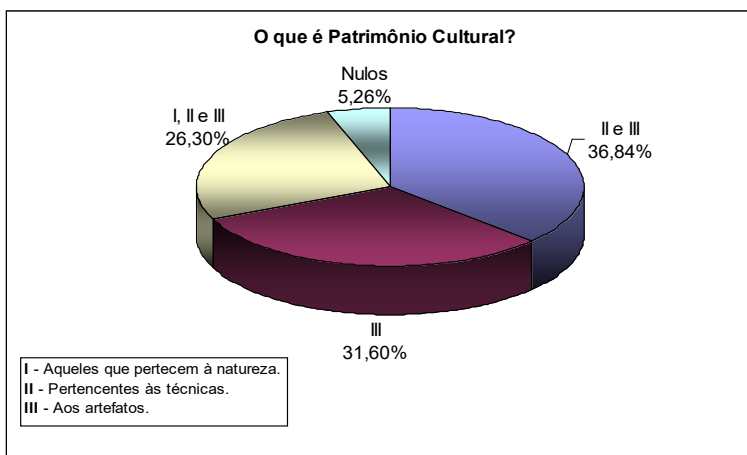
que seu conhecimento era insuficiente, porém a busca por mais informações sobre a Igreja Nossa Senhora do Socorro era permanentemente, segundo eles.

A partir daí, percebemos a necessidade, também dos educadores, de maior elucidação sobre a história do município. Diante disso, foi realizado o seminário *Geru: História, Arte e Educação Patrimonial*, realizado pelo Grupo de Pesquisa Culturas, Identidades e Religiosidades/UFS/CNPq, em agosto de 2006. O objetivo desse seminário era compartilhar algumas das pesquisas desenvolvidas pela Universidade Federal de Sergipe e apresentar o projeto monográfico aos educadores do município.

2.1 Em ação com os alunos

O questionário, composto por vinte e quatro questões objetivas foi aplicado a todo o corpo docente da Escola, formado por dezenove professores. Como mencionado, esses dados constataram a necessidade de conhecer mais sobre o patrimônio local dos educadores, isso conduziu uma reconstrução do nosso caminhar. O questionário aplicado aos alunos constitui-se de dezessete questões objetivas. A partir desse levantamento de dados completou-se a configuração do campo de pesquisa-participante.

É de vital importância obter a visão desses educadores quanto às questões do que é patrimônio cultural, educação patrimonial, identidade cultural, e seu domínio sobre a realidade cultural que a escola está inserida, para melhor compreensão da sua atuação. Vislumbrou-se que há alguns equívocos em muitos desses entendimentos, assim como contradições nas próprias respostas entre os professores analisados. O gráfico, a seguir, demonstra como estes profissionais da educação conceituam o patrimônio cultural:



Fonte: Acervo Maria Socorro Soares, 2006.

Logo, o diagnóstico obtido dos alunos constatou a hipótese da carência de informações sobre o patrimônio local, apresentando uma harmonia em suas respostas. Ao confrontar o diagnóstico dos professores com o dos alunos, é notável os reflexos dos primeiros no segundo grupo.

Os dados obtidos com os questionários foram o alicerce para o planejamento e execução desta etapa. Esta fase correspondeu a uma semana letiva, de dois a seis de outubro/06, em contato direto com os alunos. A primeira parte compreendeu na apresentação aos alunos, e professores interessados, da parte teórica², de preparação do olhar através de atividades lúdico-pedagógicas, depois se realizou a visita ao prédio religioso. Sempre evidenciando a impossibilidade de trazer para eles o conhecimento pronto e acabado, muito menos a verdade absoluta. Ao longo do caminho as lacunas apareceriam devido à escassez de pesquisas científicas sobre Geru, ficando em alguns casos apenas interrogações, e em outros, a parca produção científica dariam algumas respostas para as indagações advindas. A maior preocupação desta ação era auxiliar os indivíduos envolvidos na

² Conteúdos explorados: Questão indígena do Brasil, Sergipe e Geru, Identidade e Patrimônio Cultural e Educação Patrimonial.

construção do saber histórico.

A imaginação do professor e o monumento histórico devem ser os dois fatores essenciais para a determinação da utilização educacional do patrimônio. Para Neal (1983), uma visita ao monumento devem ser consideradas quatro linhas de abordagens: 1) As pessoas e os costumes sociais da época em questão; 2) O edifício e seu conteúdo; 3) A propriedade e sua estrutura econômica e social; 4) A área onde está localizada. Para o resultado ser proveitoso o aluno deve compreender coerentemente o lugar, sua estrutura e função, e da comunidade que ali viveu e trabalhou. Além da preparação e continuação do estudo em sala de aula.

Nas aulas de preparação, foi discutido sobre as pessoas relacionadas com a Igreja. Pois, são as pessoas que constroem a história. Nesse caso, os índios Kiriri e os Jesuítas construíram, viveram e atuaram no monumento. Com o estímulo da imaginação, é preciso trazer essas pessoas de volta à vida, porém com base histórica. O templo é visto, na maior parte, pela população apenas como uma instituição religiosa ou como “uma igreja antiga feita pelos índios”. Tem que se considerar que os participantes desta pesquisa estavam inseridos em uma escola, portanto é bastante significativo saber a opinião, também dos alunos, quanto a preocupação/participação da escola com a Igreja. Segundo 70,3% dos alunos essa preocupação/participação, enquanto bem patrimonial local, é pouco satisfatória. O motivo disso para 82,2% dos estudantes é a falta de interesse dos professores e coordenadores, em seguida, com 10,7% interesse dos próprios alunos e 7,1% disse que Igreja não desperta interesse algum.

Geralmente, o patrimônio aparece nas aulas “tradicionais” como forma de ilustrar ou exemplificar conteúdos científicos estudados, transformando-o em ponto de chegada. Na Educação Patrimonial é “a Escola que deve ir ao patrimônio” (MANIQUE; PROENÇA: 1994, 57). A totalidade do corpo docente e discente analisados apontou a falta de esclarecimento da importância do patrimônio local como o único motivo para a não compreensão da Igreja como parte da identidade cultural.

A maioria dos alunos participantes conhecia a referida

Igreja, com exceção de um aluno, que mesmo sendo geruense, nunca tinha entrado no templo. Dessa forma, saímos do prédio escolar em direção a Igreja para estabelecer diálogo entre ela e a comunidade estudantil.



Figura 3: Leitura da Praça

Fonte: Acervo Maria Socorro Soares, 2006



Figura 4: Observação e leitura dos altares

Fonte: Acervo Maria Socorro Soares, 2006

Partimos nossa leitura da Praça Matriz (Figura 3), para o edifício e seu conteúdo (Figura 4), objeto concreto que pode ser

visto e tocado, diferentes dos ocupantes do passado. Investigamos os materiais de construção, identificamos o estilo do monumento juntamente com portas, janelas, torre, pináculo, telhado, piso, túmulos, fechaduras, mobiliário e detalhes decorativos. Na oportunidade, os alunos registraram as informações em uma ficha de observação para caracterizar o edifício (Figura 5 e 6).



Figura 5: Caracterização da porta
Fonte: Acervo Maria Socorro Soares, 2006.



Figura 6: Investigação dos túmulos
Fonte: Acervo Maria Socorro Soares, 2006.

2.2 Seguindo o caminho

Dado os primeiros passos, cabia agora aos professores dar continuidade à exploração do potencial histórico e cultural da igreja com os alunos em suas aulas, seja de forma separada ou de forma articulada com outras disciplinas. A partir daí, deu-se início aos trabalhos dos educadores, sendo preciso mais dois meses para a conclusão.

O percentual de 78,4% dos professores declararam que não utilizam a Igreja como recurso didático no desenvolvimento de trabalhos com seus alunos, indicando a falta de motivação pessoal como o maior empecilho, em seguida, a falta de estímulo e colaboração da gestão da educação municipal, e por fim, a sua área de ensino não atinge essa temática. Diante desses dados, a etapa a seguir se configurava em um desafio para os envolvidos na pesquisa.

Sugerimos alguns caminhos, inclusive o de que ao sair da sala de aula em direção à comunidade o número de descobertas seriam maiores. Assim fez o professor de Matemática e Geometria, Manoel Messias Teixeira, saiu com os alunos da escola rumo à busca de informações da e na Igreja Nossa Senhora do Socorro. Utilizando o monumento, o referido educador trabalhou com os estudantes, os conteúdos de perímetro, cálculo de área, medidas de superfície e medida linear. Para isso, os alunos visitaram a edificação por diversas vezes, monitorado pelo professor e munido de instrumentos de medição e demais materiais necessários para o desenvolvimento da atividade. Ao explorar o objeto, os pesquisados-participantes confrontaram as medidas utilizadas na época da construção do edifício com as medidas atuais³. As descobertas feitas pelos alunos e professor tornaram a exploração mais desafiante. Nesse caso, os alunos tiveram que aprender a transformar as medidas da época da construção do prédio (polegada, pé, vara) com para os padrões de medidas atuais. Assim, facilitou aos educandos a passagem do tamanho real para o desenho para construírem uma planta com as medidas

³ As medidas utilizadas para a construção do prédio não seguiam aos padrões de medidas atuais, por isso foi percebido algumas medidas irregulares.

e o cálculo da área do edifício (Figura 7).

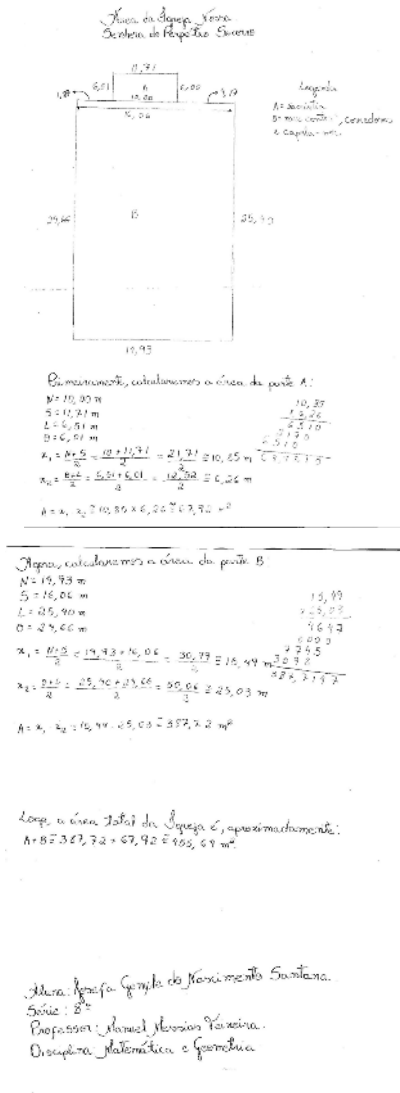


Figura 7: Área da Igreja, calculado pela aluna Josefa Genyle
Fonte: Acervo Maria Socorro Soares, 2006.

Entretanto, foi o conhecimento construído pelo educador Manoel Messias com os alunos da 8ª série que nos impulsionou a continuar pesquisando qual é a área da Igreja. A área construída da Igreja Nossa Senhora do Socorro para o IPHAN é de 595,17 m², enquanto que, o resultado obtido na atividade escolar é de aproximadamente 455,64 m². Desta feita, podemos afirmar, diante a incompatibilidade desses dados, que há equívocos em um dos dois, ou em ambos. Até então, não podemos concluir qual é exatamente a área construída da Igreja Matriz de Geru, para isso precisamos continuar investigando.

É válido destacar, também, o empenho de outros professores, como: os professores de Agricultura e Zootecnia (Antonio Ribeiro), Português (Lucineide Correia) e História (Gláucia Maria), que se articularam e desenvolveram uma atividade interdisciplinar abordando a questão ambiental, com ênfase na madeira utilizada para a construção do prédio; o professor de Inglês (Joilson Oliveira) despertou nos alunos as possibilidades da utilização daquele bem cultural para o desenvolvimento do turismo local, inclusive à recepção dos turistas, nacionais e estrangeiros; e o professor de Educação Física (José Wildson dos Santos) que acompanhou todo o nosso percurso ao prédio, contribuindo com os conhecimentos da sua área para o desenvolvimento das atividades.

A participação efetiva dos alunos foi bastante significativa, pois além destes trabalhos desenvolvidos com os professores acima citados, também tive os trabalhos de iniciativa própria dos alunos. Ao final, expomos os trabalhos realizados à totalidade de alunos e professores da Escola Agrícola “Dr. Albano Franco”. Apesar da escassez de material didático disponível, pois não tivemos financiamento, os nossos alunos não desanimaram, visto que a prioridade era a participação dos indivíduos envolvidos, assim como as possibilidades de socialização, o exercício de cooperação, organização e solução de problemas, por meios criativos.

Considerações finais

Esta ação educativa foi um pontapé inicial para a utilização do patrimônio local no processo ensino-aprendizagem a fim de promover o enriquecimento individual e coletivo, pois a Educação Patrimonial deve ser um trabalho contínuo, ainda há muito a ser realizado, acrescentado, enriquecido. A semente experimental atrelado ao meio acadêmico passou a ter características próprias, sólidas o suficiente para seguir seu caminho.

Logo, propiciamos aos educadores envolvidos redescobrir que a fonte primordial para trabalhar a história local com os educandos é a própria realidade, dessa forma, este trabalho constituiu-se, também, em uma preparação dos professores no seu ambiente de trabalho. A carência de fontes bibliográficas sobre o município é evidente, mas não devemos torná-la um impedimento para estudar e explorar a realidade cultural local. A população necessita de ações permanentes e de longo prazo que visem à democratização do saber e a capacitação da comunidade para (re) descobrir e apropriar-se das suas especificidades culturais. Logo, deve ser prioridade dessas ações irem além da valorização e da preservação do patrimônio cultural geruense, ou seja, promover também a apropriação coletiva desses bens.

Contudo, a distância entre os pesquisados-participantes e a Igreja em sua monumentalidade mostrou-se evidente durante o desenvolvimento do projeto. Entretanto, acreditamos que o conhecimento crítico e a apropriação consciente dos nossos bens culturais são fatores indispensáveis no processo de preservação sustentável, assim como na auto-afirmação do indivíduo.

A participação ativa e entusiasmada dos alunos ao realizar as atividades demonstrou que não lhes agradavam ficar parados. Dessa forma, os discentes desenvolveram todas as tarefas propostas pelos professores e as de iniciativa própria. Assim como, reclamaram da ausência de engajamento de alguns professores no projeto, que lecionavam as disciplinas: Artes, Geografia, Ciências e Religião. O envolvimento e interesse dos alunos permitiram que conhecessem o seu passado que está presente no seu dia a dia.

O trabalho com a Educação Patrimonial implica escolhas,

aquilo que deve ou não ser lembrado, por isso ela não é imparcial e nem atemporal, ela está envolvida nos conflitos entre os grupos humanos. Assim, o professor ao trabalhar com a Educação Patrimonial em sala de aula, deve estar ciente que ela precisa ser abordada de maneira crítica, apresentando os diferentes discursos em suas diversas perspectivas. Também deve estar evidente, tanto para o professor quanto para os alunos, que o valor do patrimônio cultural consiste na valoração atribuída pela sociedade a estes bens culturais, a partir de uma possível sensibilidade despertada através do conhecimento.

O patrimônio deve ser percebido pelo indivíduo, como cultura viva. A postura do ser no mundo está permeada pelas relações de poder, as quais influenciam nas percepções do indivíduo sobre o bem patrimonial. Assim, um caminho para a construção de uma nova prática social foi aberto, a semente lançada, cabe aos educadores serem agentes multiplicadores e prosseguidores dessa ação. Uma vez que, a educação é o meio mais eficiente para a transformação social. E a Educação Patrimonial uma trilha para a afirmação da identidade cultural, melhoria da qualidade de vida e do efetivo exercício de cidadania.

Referências

BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org.) *Pesquisa participante*. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1982.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: história / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. Trad. Klauss Brandini Gerhardy. Vol. II, 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CHOAY, Françoise. *A alegoria do Patrimônio*. Trad. Luciano Vieira Machado. São Paulo: Estação Liberdade. Ed. UNESP, 2001.

COSTA, Lúcio. A Arquitetura dos Jesuítas no Brasil. Edição Fac Similar. Revista do Serviço Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Rio de Janeiro. 1941. n° 5. DF. MINC/IPHAN. N° 26. 1997. p.104-171.

DANTAS, Beatriz Góes. *Missão indígena no Geru*. Aracaju: UFS, 1983.

FREIRE, Paulo. Alfabetização e conscientização. IN: *Conscientização; Teoria e prática da libertação; uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. Tradução de Kátia de Melo e Silva: 3ª ed. São Paulo: Moraes, 1980, p. 25-56.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 15ª. São Paulo: paz e Terra, 1996.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu; PELEGRINI, Sandra de Cássia Araújo. *Patrimônio histórico e cultural*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

HARTOG, François. Tempo e Patrimônio. *VARIA HISTORIA*. Belo Horizonte, vol. 22, nº 36, p. 261-273, Jul/Dez 2006. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/vh/v22n36/v22n36a02.pdf> em 20/Ago/2015.

HORTA, Maria de Lourdes Parreira; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. *Guia Básico de Educação patrimonial*. Brasília: IPHAN: Museu Imperial, 1999.

Igreja Nossa Senhora do Socorro – Tomar do Geru/SE. Brasília. Centro Gráfico do Senado Federal, [1991?]

LEMOS, Carlos A. C.. *O que é patrimônio histórico*. 5 ed. São Paulo: Brasiliense, 2000.

MANIQUE, Antônio Pedro/ PROENÇA, Maria Cândida. *Didática da História: patrimônio e história local*. Texto Editora. Lisboa, 1994.

MECENAS, Ane Luise. *Evocação ao céu: a Igreja de Nossa Senhora do Socorro uma expressão da mentalidade da Companhia de Jesus na Aldeia de Geru (1683-1759)*. 2005, 75 f. monografia – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão/SE.

NEAL, Philip. Educação Patrimonial. Nacional Association for environmental education. Serie 1, Guia Prático nº 7. Trad. e adap. de Maria de Lourdes Horta Barreto. Texto distribuído durante o 1º Seminário sobre “*Uso Educacional de Museus e Monumentos*” em 1983, no Museu Imperial em Petrópolis/RJ. Mimeografado.

NUNES, Kátia Regina Ashton. *Matemática e cidadania*. Pátio – Revista pedagógica. Ano IX nº 36 nov. 2005/jan. 2006, p. 30-32.

ORÍÁ, Ricardo. Memória e ensino de História. In: *O Saber Histórico na sala de aula*. BITTENCOURT, Circe (org.). 6ª edição, São Paulo: Contexto, 2000 (Repensando o ensino) pp. 128-148.

PRATS, Lourenç. El concepto de Patrimonio Cultural. *Política e Sociedade*, (27):

63-76, 1998.

SANTOS, Maria Célia Teixeira Moura. *Processo museológico e educação: construindo um museu didático-comunitário, em Itapuã*. Orientação do Prof. Dr. Sérgio Coelho Borges Farias. Tese (Doutorado em Educação). Salvador, 1995.

SANTOS, Maria Socorro Soares dos. *Patrimônio e identidade: uma experiência com Educação Patrimonial em Tomar do Geru/SE, 2006*. 2007, 88p. monografia – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão/SE.

SOARES, André L. Ramos (Org.); MACHADO, Alexandre da Silva; HAIGERT, Cynthia Gindri; POSSEL, Vanessa Rodrigues. *Educação patrimonial: relatos e experiências*. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2003.